

A POTÊNCIA DAS CRIANÇAS NA APROPRIAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO: A ESCOLA DE MUITOS LUGARES

ELEONORA DAS NEVES SIMÕES¹; MARIA CARMEN SILVEIRA BARBOSA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – nora_simoes@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul – licabarbosa@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Os estudos das crianças em seu contexto sociocultural vem sofrendo mudanças e reconceitualizações: de uma socialização vertical e uma condição passiva da criança, para uma socialização horizontal e o entendimento das crianças como atores sociais. Muitos dos avanços em termos de garantia dos direitos e das especificidades culturais das crianças surgem em um contexto de formulação das particularidades da infância. Assim, diferentes métodos de pesquisa têm sido pensados no sentido de permitir dar visibilidade às crianças como agentes sociais.

Este texto apresenta parte dos resultados de uma pesquisa realizada durante o curso de Mestrado na UFRGS¹ que tem como objetivo compreender como as crianças na convivialidade com os adultos e outras crianças significam os espaços da escola de educação infantil, identificando seus protagonismos na constituição e/ou transformação da constituição espacial. Este trabalho tem como objetivo problematizar os encontros das crianças com seus pares de diferentes idades no ambiente de vida coletiva que é a escola de educação infantil, como fundante de uma experiência de enriquecimento cultural, pessoal, emocional e cognitivo.

Dialogando com o conceito de lugar (TUAN, 1983), composto por um diálogo entre autores da pedagogia italiana, o estudo apresenta as relações estabelecidas pelas crianças com seus pares, com os adultos desta instituição e no encontro com sua sozinha² e sua potencialidade. Neste trabalho enfoca-se uma das unidades de análise, que reporta a construção da escola como um lugar de muitos lugares, com os seguintes temas: encontrar com as crianças maiores, encontrar com as crianças menores, encontrar com os adultos e encontrar com o eu potência.

Tuan (1983) discute como a criação do lugar envolve muitos nuances. As culturas, as relações, a experiência, as pausas, os discursos, a comunidade, constituem a maneira como desejamos o lugar. Na visão deste autor, apesar de espaço e lugar terem uma convivialidade comum na nossa linguagem, o espaço tem um quê de abstrato, e o lugar um quê de valor.

2. METODOLOGIA

A investigação pautou-se pelo caráter etnográfico (ANDRÉ, 2008; GRAUE; WALSH, 2003) e foi realizada com crianças de 4 e 5 anos em uma escola de educação infantil localizada em um município da grande Porto Alegre, no período

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Termo usado por Ferreira (2004) para referir-se àquelas crianças que brincam de maneira mais isolada e por Pereira (2011) ao referir-se as crianças que ficam consigo mesma produzindo ações sem, contudo, perder a atenção ao que as outras crianças estão fazendo.

entre os meses de setembro, outubro, novembro e início de dezembro de 2014, contando com financiamento do Cnpq através de uma bolsa de estudos.

Foram solicitadas autorizações às crianças, às famílias e à escola para o uso das fotografias e para a entrada em campo na realização da investigação. Valorizando um contexto de participação e autoria, as famílias foram informadas de que as próprias crianças escolheriam um nome de tratamento para a escrita. Além disso, foi realizada uma conversa com as crianças sobre a investigação e sobre o que a pesquisadora fazia naquele espaço, realizando um consentimento através das falas e desenhos. As crianças escolheram os nomes pelos quais gostariam de ser identificadas formando o seguinte grupo de participantes: Alison, Bruna, Luan, Matheus-Ben10, Maxsteel, Nicholas-Cage, Pablo, Pedro, Peter-Homem-Aranha, Rapunzel, Superman e Vitória.

Durante a investigação foram utilizadas duas estratégias de aproximação, registro e compreensão do campo: a fotografia e o caderno de campo. O desejo era estabelecer um movimento ético de deslocar as crianças do papel de objeto da investigação, e coloca-las como sujeitos.

A análise dos dados deu-se no diálogo com a base teórica do estudo. Subdividiu-se as fotografias que eram organizadas em pastas em uso do espaço, apropriação do espaço e constituição do lugar. A partir dessa subdivisão, busquei elencar o diálogo produzido através das situações registradas, chegando à seguinte relação: A necessidade de reconhecer o território; Buscar relações do corpo com e no espaço; A sensorialidade presente no cotidiano; A brincadeira e a criação de novos ambientes; (Des)Inventando objetos; Espaços (in)comuns; Viver o encontro e a sozinhez; Experiências de construtividade. Na interlocução teórica, verificaram-se três grandes temáticas: a presença (in)visível das crianças no espaço da escola, o uso e invenção de novos ambientes, e a constituição dos lugares através das interações e das brincadeiras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na amplitude do que acontece no cotidiano no encontro de crianças e adultos, na pesquisa, percebi que esta escola se constitui como um lugar de brincar. Essa hipótese não só é afirmada pelas crianças, Rapunzel e Alison, em um vídeo onde dizem que vão à escola para brincar, como também no tempo empenhado dentro da instituição para que as situações de brincadeira aconteçam.

Ao longo dos episódios podemos perceber como o conhecimento envolve a vida cotidiana das crianças na instituição. Também observamos que quando os espaços criam oportunidades sensíveis e acolhedoras para a aprendizagem, o conhecimento se torna visível através da atenção dada às coisas das crianças.

No encontro de Vitória com os bebês no pátio – temática *Encontrar com as crianças menores* -, percebe-se como inconscientemente produzimos, através de uma pedagogia invisível (ACASO, 2012), do lugar onde ficam os bebês no pátio e no refeitório, uma imagem de bebê para as crianças maiores. Quando Vitória e Alison se aproximam dos bebês, a imagem de bebê potente destas crianças, parece ser diferente da imagem que as outras crianças têm, já que estas últimas veem os bebês como arruinadores de brincadeiras, que não sabem brincar. Pensar a escola como um lugar de encontro e convivialidade, requer evidenciar os nossos conceitos sobre as crianças e suas relações.

Quando todas as crianças se encontram no pátio, ocorre finalmente o diálogo entre diferentes idades. Vizinhos e amigos tornam a se reencontrar. Além disso,

crianças mais experientes em uma certa atividade poderão proporcionar novas experiências para outras crianças menos experientes. Na temática *Encontrar com as crianças maiores*, Rapunzel e Vitória, questionam o lugar de poder das crianças maiores e constroem um lugar de participação e potência na brincadeira no escorrega. As crianças menores puderam visibilizar sua competência na relação com as crianças maiores e sobretudo desenvolveram uma ideia de desenvolvimento ligada à idade da experiência (WALTER apud CABANELLAS; ESLAVA, 2005).

Na temática, *Encontrar com os adultos*, percebe-se que grande aprendizado seria se os adultos se encontrassem com as coisas das crianças todos os dias. Na cena, observa-se uma das poucas vezes em que vi a professora brincar junto com as crianças. Um encontro iniciado pelo batom que Vitória trouxe na mochila. Essas ações reivindicam um espaço em que o professor seja presença, construindo um sentido de tempo que seja pausa.

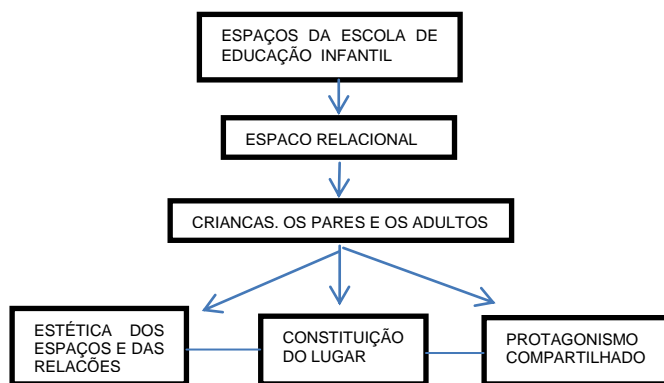
Na última temática, encontrar com o eu potência, SuperMan utiliza o chão como suporte para suas experiências de construtividade. Ele constrói um castelo e analisa onde ficarão os cavaleiros, empenhando toda sua energia e intelectualidade no difícil desafio de planejar, criar sustentação, no seu castelo. Percebemos aqui como a sensibilidade da escuta está atrelada ao tempo da escuta. Sustentar as experiências significa tornar a passar pelas ações iniciadas pelas crianças desafiando-as. As crianças nos mostram a seriedade do seu trabalho, que vê no brincar a potência máxima da criação.

A escola como um lugar de muitos lugares de encontros com o outro, com as pecinhas de madeira, com os adultos, com o eu potência, significa que, assim como as crianças são afetadas pelo contexto, o contexto é afetado pelas ações das crianças.

4. CONCLUSÕES

Construir o ambiente da escola como um lugar de encontro é nosso desafio enquanto professores. A investigação conclui que nos espaços da escola de educação infantil habita a potencialidade do ser e estar no coletivo, exercitando também a potência de fabricar modos de perceber-se como sujeito no e com o mundo. Estar atento e disponível para aprender a construir perguntas a partir das ações das crianças exige do professor a construção de um tempo, que não é aquele do relógio e da produção. Assim, aprenderemos que “o cotidiano é onde se aprende a ver a beleza das pequenas coisas”. (BARBOSA, 2013, p. 219). Trata-se, portanto, de também reivindicar a experiência como uma maneira de habitar o mundo (LARROSA, 2011).

Então, na conversa, encontro o sentido do ato de narrar, voltar-se para o outro e *com* ele, construir sentidos sobre as nossas ações. Dessa forma a educação se torna um convite a fazer junto. Essas considerações me levam a construir um mapa conceitual das rotas e processos para pensar a organização dos espaços no encontro com as ações das crianças, como podemos ver na figura abaixo:



Mas qual a relação disso com os processos de relação espacial que descrevi? Bem, se os cientistas parecem poder criar um lugar ao olhar para um determinado espaço e não para outro, como aponta Tuan (1983), os professores também parecem ter essa capacidade de criar lugares. Justamente é essa capacidade que deve ser ancorada em um estudo profundo sobre as relações das crianças com o espaço, ao invés de ser algo impositivo, porque, do contrário, este continuará a ser um espaço indiferenciado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACASO, María. **Pedagogías invisibles**: El espacio del aula como discurso. Madrid: Catarata, 2012.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Tempo e Cotidiano**: Tempos para viver a infância. Leitura: Teoria e Prática, Campinas, v. 31, n. 61, p. 213-222, 2013.
- CABANELLAS, Isabel et al. (Orgs.). **Territorios de la infancia**: Dialogos entre arquitectura y pedagogía. Barcelona: GRAÓ, 2005.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 4. ed. Curitiba: Criar, 2006.
- FERREIRA, Manuela. Do “avesso” do brincar ou... as Relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(s) social(is) instituinte(s) das crianças no jardim-de-infância. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (orgs.) **Crianças e miúdos**. Perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.
- GRAUE, M^a Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Trad. Maria Carmen Silveira Barbosa e Susana Fernandes. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.
- PEREIRA, Rachel. **As crianças bem pequenas na produção de suas culturas**. 2011. Dissertação. Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS.
- SIMÕES, Eleonora. **De mãos dadas com as crianças pequenas pelos espaços da escola**: interações, brincadeiras e invenções. Dissertação de Mestrado. PPGEDU/UFRGS: Porto Alegre, 2015.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.